

## ● ECONOMIA

# Um combate de economistas na Madeira

MARIA CATARINA NUNES  
mnunes@dnoticias.pt

De um lado, os seguidores de Hayek, do outro, os discípulos de Keynes. 'O Combate do Século na Economia Política' foi o tema escolhido pela Delegação Regional da Madeira da Ordem dos Economistas (DRMOE), para o convívio de Natal que aconteceu ao final da tarde de ontem no Hotel The Vine. Para estratégia do combate, o núcleo regional convidou Ricardo Arroja, economista e membro dos órgãos nacionais da direcção da OE e que desfiou a palestra 'Hayek Vs Keynes: o combate dos últimos cem anos na economia política'.

Mas foi o presidente da DRMOE que aprofundou ao DIÁRIO a razão para debater este tema. Paulo Pereira parte de dois pressupostos: "Numa altura em que há um esgotamento dos efeitos das sucessivas rodadas de políticas monetárias (impressão maciça de dinheiro) dos principais Bancos Centrais do

mundo, no qual se inclui o Banco Central Europeu (BCE), que aguentaram artificialmente as economias e que têm como face mais visível as bolhas nos principais activos (acções, arte, casas etc.), com o mais simples cidadão a perceber o quão inacessível está a se tornar uma simples e modesta habitação" e em época em que "se começam a criar pressões políticas, académicas e mediáticas para que se volte a políticas "fiscais" de investimento público – o vulgar esbanjamento e dinheiro dos cidadãos - para continuar por mais algum tempo a sensação artificial de crescimento económico" a DRMOE organizou o debate de ontem com vista a explorar "o mais famoso debate intelectual entre economistas, o de Hayek contra Keynes, entre defensores do livre mercado como garante do mais eficiente e possível alcance de bem-estar contra os defensores de constantes intervenções e protagonismo políticos nas economias".



Ordem dos Economistas na Madeira promoveu uma conferência. Ricardo Arroja foi o convidado. FOTO RUI SILVA/ASPRESS

## KEYNES AGRADA AOS POLÍTICOS, PORQUE OS AUTORIZA A "GASTAR O QUE NÃO É DELES"

Paulo Pereira lembra que, na história, "Keynes ganha sempre nos governantes" já que "permite interpretações que autorizam os políticos a gastar o que não é deles, a regular a vida alheia, sempre com boas intenções, mas com resultados desastrosos, que normalmente já não lhes rebentam nas mãos, mas sim do próximo governante". Por outro lado, Hayek "tem o consolo de ver a realidade dar-lhe razão, que só o indivíduo têm as suas

preferências e circunstâncias únicas e que é assim que quando toma decisões em liberdade, acaba por beneficiar espontaneamente o funcionamento da economia e o bem-estar dos outros cidadãos".

Porque a DRMOE defende que a "economia é de todos para todos e não para ficar circunscrita a meia dúzia de eruditos", o vídeo do debate ficará disponível no site da Delegação Regional, antecipa Paulo Pereira.

PUB

≈ 25 DEZ

ALMOÇO DE NATAL

HOTEL PORTO MARE

PREPARÁMOS UM BUFFET ESPECIAL PARA QUE DESFRUTE AINDA MAIS DESTA DIA EM FAMÍLIA . . . RESERVE JÁ !!

291 703 700 . FB.VPM@PORTOBAY.PT  
RUA SIMPLÍCIO DOS PASSOS GOUVEIA 21, LIDO  
WWW.PORTOBAY.COM

PortoBay

30€ P/PESSOA (CRIANÇAS: 15€)  
BEBIDAS NÃO INCLUIDAS

## Keynes e Hayek aplicados à Região

A pedido do DIÁRIO, o presidente da DRMOE dá uma aula sobre hipotéticas medidas que cada economista histórico, defenderia

### KEYNES EM ACÇÃO:

■ Com a desculpa da necessidade de uma economia verde, o governo cria um programa de colocar painéis em todos os prédios públicos e subsidia em 50% as empresas privadas para fazer igual. Isto cria emprego, encomendas, "dinheiro a circular". A sensação de uma economia a mexer.

■ Depois vem a dívida criada por essa política, tem de ser paga, mais impostos e piores serviços públicos, acaba o mercado (que era artificial) para as empresas que andaram a vender e instalar painéis, desemprego e incumprimento bancário. É a ressaca. Muitos dos painéis estão agora sem manutenção e utilidade. E as paisagens estragadas e degradadas.

### HAYEK:

■ Primeiro denuncia quando está a ocorrer e ninguém lhe liga, pois está tudo em festa e ele e as suas ideias são uns 'chatos'. A sua alternativa era o Estado esperar que os privados encontrassem naturalmente, com o seu conhecimento e com o seu dinheiro alternativas racionais de investimento e se os políticos quisessem mesmo estimular uma economia mais verde, bastava que se libertasse o mercado da venda de energia 'verde' à rede e que esta não ficasse nas mãos de meia dúzia de 'empresários favoritos'.

■ O foco é na actividade do indivíduo e não do político, porque o primeiro tem mais e melhor informação que o segundo. Faz impressão num meio em que estamos habituados a que, quase como na URSS, sejam os políticos a ditar o caminho da economia, mas tal não é eficiente nem conduz geral e historicamente bons resultados para os mais frágeis, apesar de a retórica ser sempre para eles direccionada.